

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

ENTRE “PLANO B” E “SAÍDAS DE EMERGÊNCIA”: PERCURSOS E EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS DE JOVENS TRABALHADORES/AS

Mariléia Maria da Silva¹

“Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com as quais se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”

(Karl Marx, O 18 Brumário).

Resumo

O trabalho analisa a construção dos percursos profissionais de jovens inscritos no Projovem Trabalhador em Santa Catarina. Questiona-se as lógicas orientadoras de seus percursos profissionais e estratégias de inserção profissional. Apoiar-se no materialismo histórico-dialético buscando a perspectiva da totalidade. Discute-se o capitalismo contemporâneo e a especificidade com que a classe burguesa no Brasil constrói seu projeto de sociedade. Apresenta-se síntese biográfica dos entrevistados, apreendendo as especificidades que marcam seus itinerários laborais. Por fim, considerações sobre a categoria da particularidade como mediação entre o singular e o universal.

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail:marileiamaria@hotmail.com

TrabalhoNecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

Palavras-chave: Jovem trabalhador, percurso laboral, capitalismo contemporâneo.

Abstract

This article analyses the construction of the professional paths of young people enrolled in the Projovem Worker in Santa Catarina. Questioning the guiding logic of their professional paths and strategies of professional insertion. It is based on the historical dialectical materialism, aiming the perspective of the totality. Discussing the contemporary capitalism and the specificity with which the bourgeois class in Brazil builds its Project of society. Presents a biographical synthesis of the interviewees, apprehending the specificities that mark their labour itineraries. Finally, the considerations on the category of particularity as mediation between the singular and the universal.

Keywords: Young worker; labour path; contemporary capitalism.

Introdução

A epígrafe revela o fio condutor deste trabalho: a labuta constante de jovens trabalhadores, filhos dos segmentos da classe trabalhadora cuja existência, de geração para geração, se faz pelo trabalho simples, sob condições que lhes são impostas e por escolhas que são sempre talhadas pela determinação de classe. Em Marx (2011) o trabalho simples, contrariamente ao trabalho complexo, caracteriza-se por ser de uma natureza indiferenciada. Em outros termos, dispêndio da força de trabalho que qualquer homem comum possui em seu organismo, sem nenhuma educação especial. São jovens que experimentam, desde muito cedo, a necessidade de garantir a sobrevivência diante de condições de trabalho cada vez mais precárias, dentre as quais o

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

subemprego, que vivem a ameaça constante do desemprego, que têm suas trajetórias escolares interrompidas, que migram em busca de *oportunidades* de emprego, que convivem com a maternidade/paternidade precoce, que sofrem cobranças por novas qualificações, certificações, experiências e tantas outras credenciais.

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre a construção dos percursos profissionais de quatro jovens inscritos no Projovem Trabalhador em Santa Catarina em 2011/2012, três mulheres e um homem, tomando como ponto de partida suas próprias falas mediante os sentidos que atribuem ao trabalho². Questiona-se quais as lógicas que orientam os percursos profissionais destes jovens e em que medida definem/redefinem suas estratégias de inserção e reinserção profissional diante da necessidade imperiosa do capitalismo contemporâneo em buscar novas formas de expropriação (FONTES, 2010).

Como aporte teórico-metodológico, apoio-me no materialismo histórico-dialético por compreender que somente pela perspectiva da totalidade podemos avançar sobre as explicações simplistas e superficiais no entendimento das questões que envolvem a relação entre os jovens e o trabalho. Entendendo que o capital se estabelece por contradição em movimento, e que apenas é possível compreender a sociedade na forma do capital mediante um método que possibilite captar a contradição.

O presente trabalho, além da introdução está organizado em três tópicos. No primeiro discuto brevemente o capitalismo contemporâneo e, em decorrência deste, a especificidade com que a classe burguesa no Brasil vem construindo o seu projeto de sociedade (capitalismo dependente) – que constitui a particularidade a ser apreendida no processo de entendimento da relação dos

² As entrevistas foram realizadas no âmbito das pesquisas por mim coordenadas: “A inserção profissional dos jovens egressos do Projovem Trabalhador” e a “A inserção profissional dos jovens egressos do Projovem em Florianópolis”. Ao todo foram realizadas oito entrevistas. Para fins deste trabalho, diante dos objetivos propostos, selecionamos os quatro perfis que julgamos mais significativos no que se refere aos percursos profissionais.

TrabalhoNecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

jovens com o trabalho –, com vista a problematizar a natureza das lógicas que regulam e orientam os percursos profissionais destes trabalhadores.

No segundo, em face do exposto anteriormente, apresento uma síntese biográfica dos entrevistados, subdividida em dois blocos e cada qual entremeado com análises focadas no que é mais expressivo naquilo que tange às trajetórias laborais destes jovens e os sentidos que atribuem ao trabalho, de modo a permitir ao leitor apreender as especificidades que marcam, distinguem e também igualam cada percurso. Cabe esclarecer que a escolha pela realização de uma síntese biográfica, com destaque para as falas relativas à produção dos sentidos do trabalho para os jovens investigados, constituiu-se um recurso de apresentação, estando ciente da categoria da totalidade que envolve uma análise discursiva ancorada no método da Economia Política.

Dito isso, as entrevistas recuperadas em forma de sínteses biográficas procuram expressar o discurso dos jovens e suas contradições, que somente pode ser compreendido se referido às condições da produção material da vida, dos meios para satisfazer as necessidades vitais, tais como alimentar-se, habitar, vestir-se, posto que “a produção das ideias, de representações, da consciência, está [...] entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real”. (MARX e ENGELS, 2011, p. 93).

Desse modo, ao tratar do que é singular em cada percurso, estou tomando estes sujeitos constituídos por uma singularidade que os unifica, dada a condição de jovens trabalhadores. No terceiro tópico, à guisa de considerações finais, teço algumas considerações na tentativa de síntese das questões discutidas, retomando a categoria da particularidade como mediação entre o singular e o universal.

De antemão, saliento que uma singularidade não se explica *per si*, já que o homem singular é um ser social (OLIVEIRA, 2005, p.01). É preciso compreender “como a singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação” (Id., *ibid*). Este é o desafio proposto: jovens cuja singularidade expressa por sua condição de trabalhadores se faz na particularidade de um projeto de sociedade marcada pela inserção subordinada ao capital-imperialismo (FONTES, 2010).

1. O trabalho para os jovens e o projeto societário brasileiro no cenário da crise estrutural do capital: breves reflexões.

Tomo como ponto de partida o entendimento de que, sob o capital, a contradição constante entre os objetivos e os meios aplicados para se alcançar o desenvolvimento sem limites da produção entram em contradição com as relações de produção que lhe correspondem. Em linhas gerais, aí estariam os fundamentos das crises e sua inerência ao sistema sociometabólico do capital. Para Marx: “As crises não são mais do que soluções momentâneas e violentas das contradições existentes, erupções bruscas que restauram transitoriamente o equilíbrio desfeito” (2008, p. 327), posto que intrínseco ao capital é o movimento de superação das barreiras que impedem sua expansão. A permanecer esta lógica, as consequências para o desenvolvimento humano são catastróficas, considerando que as contradições entre as necessidades do capital e sua natureza regressivo-destrutiva são incompatíveis à produção da existência humana.

Para Mészáros (2013), o capitalismo contemporâneo atravessa uma profunda crise cujo início, também apontado por Harvey (1994), data do final dos anos de 1960 e início de 1970. Mas, adverte Mészáros, diferentemente dos ciclos de expansão que configuraram o capitalismo no decorrer de sua história, com períodos alternados de expansão e crise, o que hoje se verifica é uma crise

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

contínua e sistêmica, que intensifica a lógica destrutiva do capital e evidencia sua incontrollabilidade (ibid, 2002), a tal ponto que o sistema do capital não mais pode desenvolver-se sem lançar mão da taxa de utilização decrescente, imprescindível para a reposição do processo de valorização do capital.

Conforme o autor, a taxa de utilização decrescente atinge negativamente as três dimensões fundamentais da produção e do consumo. A primeira, bens e serviços, pode ser percebida na “obsolescência planejada em relação aos bens de consumo duráveis produzidos em massa” (p.670); a substituição ou mesmo a destruição de bens e serviços com maior abrangência, como o transporte coletivo, em privilégio daqueles com menores taxas de utilização, por exemplo, o automóvel particular³; “a imposição artificial da capacidade produtiva quase que completamente inutilizável”⁴(p.670); a introdução de novas tecnologias desnecessárias e o gasto correlato de recursos materiais para produzi-las, dentre outros exemplos.

No que diz respeito à segunda dimensão, instalações e maquinarias, a taxa de utilização decrescente manifesta-se “na forma de ‘subutilização crônica’, acoplada a uma pressão crescente que, para reagir à própria tendência, artificialmente ‘encurta o ciclo de amortização dos mesmos’”⁵(p.670). Trata-se do sucateamento de maquinário totalmente novo que deve ser substituído por algo *mais avançado*, revelando-se aí o discurso ideológico da *inovação tecnológica* cujo financiamento, via de regra, conta com o generoso fundo público.

³ No momento de fechamento deste artigo, observo que a questão do transporte particular está em destaque nas diferentes mídias. Temos aqui uma demonstração bastante evidente de que a polêmica entre taxistas e *Uber drivers* expressa apenas a superficialidade do fenômeno. O que me parece preponderante é pensar a lógica do abandono do transporte coletivo em mérito da valorização de um tipo de transporte que atende um segmento específico de consumidores. Não há dúvidas de que está em jogo a necessidade premente do capital na taxa decrescente de bens e serviços.

⁴ O autor exemplifica com o desperdício de um supercomputador utilizado como processador de texto em um ambiente em que uma simples máquina de escrever cumpriria este objetivo.

⁵ Grifos no original.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

Na terceira dimensão, relativa ao uso ou dispensa da força de trabalho socialmente disponível, a taxa de utilização decrescente manifesta-se em uma contradição mais explosiva do capital: de um lado na necessidade crescente de consumidores de massa, por outro lado, na necessidade sempre menor de trabalho vivo. O problema é que existe uma identidade estrutural entre trabalho e massa consumidora que está no fundamento da economia capitalista, que não pode ser solucionado por medidas de ordem conjuntural. Assim, nas palavras de Mészáros (2002, p.673), “consequentemente, a ‘ciência econômica’ não só inventa ‘o Consumidor’ como entidade independente, mas também invoca o capitalista como ‘o Produtor’⁶, reduzindo ficticiamente o papel estratégico do trabalho a um mínimo irrelevante”.

Nesta perspectiva de análise, a crise do regime taylorista-fordista e das políticas keynesianas nada mais são do que a expressão fenomênica da crise estrutural do capital que, conforme Harvey (1994), na superfície, aparece como um problema de rigidez. Como resposta ao esgotamento deste padrão, o modelo da *acumulação flexível* busca organizar-se em processos de trabalho mais flexíveis e integrados, com intenso uso de inovações tecnológicas, enxugamento dos postos de trabalho e a exigência de um novo perfil de trabalhador, agora polivalente ou multifuncional. As consequências para os trabalhadores são sentidas drasticamente com o advento do neoliberalismo, acompanhado da privatização do Estado, da desregulamentação dos direitos do trabalho, do “desemprego em dimensão estrutural, precarização do trabalho de modo ampliado e destruição da natureza em escala globalizada” (ANTUNES, 2000, p.34).

Em uma análise de grande envergadura, Fontes (2010, 2013) adota a noção de capital-imperialismo para definir o capitalismo contemporâneo. Para a autora, que tem como ponto de partida as teses de Lênin, o capital-imperialismo

⁶ Grifos no original.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

resulta de novas determinações derivadas da própria disseminação do imperialismo que se dilata em uma nova escala, exacerbando tanto as lutas sociais quanto as relações próprias do capitalismo. O que disso decorre é a conversão do capitalismo em uma forma de vida social de grande abrangência e profundamente assimétrico, delimitando uma profunda diferença em relação ao século XX, posto que parte da população do planeta ainda vivia sob o mundo rural e detinha, em grande medida, o controle de seus recursos diretos de existência.

Em síntese, o capital imperialismo caracteriza-se pela predominância do capital monetário, do aumento da concentração e centralização do capital implicando a dominação da pura propriedade capitalista e de seu “impulso avassaladoramente expropriador” (p.146). A versão brasileira do capital-imperialismo, segundo Fontes (2010), assume uma condição de subalternidade, resultando

tanto das condições internas da dominação burguesa quanto das contradições mais amplas que atravessam o capital-imperialismo mundial, mas carrega consigo as tradições prepotentes (autocráticas) que acompanharam a história da dominação burguesa no Brasil (p.15).

Braga (2012), sob outro ângulo, ainda que em muitos aspectos convergentes com análises de Fontes, procura compreender o Brasil na atualidade, incorporando o conceito de precariado, isto é, o proletariado precarizado, resultado da própria dinâmica econômica e política do capitalismo contemporâneo. Seu fundamento está em Marx (2012), no conceito de superpopulação relativa, da qual “todo trabalhador dela faz parte durante o tempo em que está desempregado ou parcialmente empregado” (p.744). Dependendo das fases do ciclo industrial aparecem “ora em forma aguda, nas crises, ora em forma crônica, nos períodos de paralisação” (Id.,ibid.).

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

A densidade da análise de Braga (2012) está em evidenciar a transição do fordismo periférico ao pós-fordismo financeirizado e suas implicações na conformação do precariado brasileiro no contexto da hegemonia lulista. O resultado dessa combinação está naquilo que Oliveira (2010) chama de hegemonia às avessas: “vitórias políticas, intelectuais e morais dos ‘de baixo’ fortalecem dialeticamente as relações de exploração em benefício dos ‘de cima’⁷” (BRAGA, 2012, p. 24). Para o autor, o precariado pode ser compreendido como um amplo contingente de trabalhadores com baixa qualificação, alta rotatividade no emprego, que vivem na informalidade ou são jovens à procura do primeiro emprego, ou ainda estão inseridos em ocupações degradadas, mal remuneradas e sem experiência de sindicalização.

Ainda que a baixa qualificação não seja uma característica de todos os jovens pesquisados⁸, as condições materiais e objetivas sob as quais estes jovens constroem as lógicas de seus percursos laborais e suas estratégias de enfrentamento das situações adversas de empregos (subemprego, desemprego, informalidades, terceirizações, discursos empreendedores entre outros) somente podem ser apreendidas nas mediações históricas expressas no quadro descrito acima. O que podem esperar estes jovens, senão o trabalho simples?

Esta indagação é problematizada em Rummert et al (2013) ao referirem-se à educação da classe trabalhadora no Brasil como expressão do desenvolvimento desigual e combinado. Apoiadas em Gramsci, Fontes, e Fernandes (apud RUMMERT et al, 2013) as autoras recolocam a questão de pensar o modo de produção para além do seu aspecto econômico *stricto sensu* e entendê-lo como constituidor da própria existência humana e, dentre esta, as dimensões da educação e da formação humana, “forjadas na historicidade contraditória em que adquirem forma e conteúdo, predominantemente, subsumidas ao capital” (p.718).

⁷ Grifos no original.

⁸ Análise completa com os dados quantitativos de uma pesquisa com os egressos do ProjovemTrabalhador pode ser encontrada em Silva (2012).

TrabalhoNecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

Nos termos acima, a educação contemporânea em geral e as políticas de inclusão social em particular, sob o predomínio do capital-imperialismo, adquirem a forma fragmentária e seletiva, com intenso requinte de controle social cujo propósito está na obtenção de um consentimento ativo da classe trabalhadora, de tal modo que compartilhe do processo de expropriação ao qual está subsumida. Não por outra razão, assiste-se ao realinhamento da Teoria do Capital Humano⁹ para dar conta do novo constructo ideológico:

a ênfase na educação como solução individual para a precarização da vida e para o intensificado processo de destituição de direitos; a captura de movimentos (sociais e sindicais) de organização dos trabalhadores, visando a torná-los copartícipes de sua própria condição de expropriação – pela ‘conversão mercantil-filantrópica’ e pelo ‘empresariamento direto de setores populares’ (Fontes, 2010, p. 347); e, ainda, pela ampliação do incentivo ao consumo, viabilizado, inclusive, pelo que Fontes (2005, 2010, p. 348) denomina de ‘políticas de gotejamento’ (RUMMERT et al, 2013, p. 720).

Considerando o exposto, ainda segundo as autoras, a atual forma histórica de dualidade educacional no cenário do Capital-imperialismo, operado no país na condição de integração subalterna (FONTES, 2010, 2013), traz como elemento novo uma miríade de possibilidades de acessos a ofertas educativas que desaguam em diferentes níveis de certificações “falsamente apresentados como portadores de qualidade social igual a das certificações às quais têm acesso as burguesias” (RUMMERT et al, 2013, p. 723). Em outros termos, amplia-se o acesso, mas garante-se a diferença qualitativa como marcadores fundamentais nos percursos entre as classes, traço essencial do projeto societário brasileiro no cenário da crise estrutural do capital.

O quadro, até aqui sumariamente demonstrado, sobre o trabalho no cenário de crise estrutural do capital, teve como objetivo possibilitar alguns

⁹ Para uma discussão aprofundada ver Motta (2012).

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

elementos de análise que permitam avançar na compreensão dos percursos laborais dos jovens e os sentidos que atribuem ao trabalho na configuração do projeto societário brasileiro em curso. Discussão apresentada nos próximos itens.

2. O discurso do empreendedorismo e o plano B em ação

A laboriosa

Alda tem 30 anos. É graduada em história. Desde cedo ajuda nos trabalhos da roça. Na condição de estudante fez estágios, primeiro no Sine, vaga conseguida por interferência do tio, que é conhecido do prefeito. “Infelizmente é assim que funciona”, observa com convicção. Lá trabalhou durante um ano, depois na Secretaria do Trabalho, durante dois anos, depois mais quatro anos na prefeitura da cidade, na área da educação. No final do estágio foi convidada a permanecer na Prefeitura como contratada, oferta que descartou, pois, não sendo concursada, “a prefeitura não te oferece estabilidade, nada”. Diante da falta de alternativas, resolveu ir para São Paulo com emprego já arranjado. Trabalhou lá como babá durante um ano. Posteriormente, na mesma cidade, trabalhou como cozinheira, o que a levou a realização de cursos na área. Nessa época, conhece aquele que será por algum tempo o seu companheiro, resolvendo “largar tudo” para irem morar em cidade litorânea no Nordeste do país. Constata que as opções de trabalho nessa localidade eram escassas e os salários baixos, restando alternativas vinculadas ao turismo. Durante um ano permaneceu na cidade sem trabalho. Decide voltar para sua cidade de origem, na qual inicia cursos de capacitação de geração de renda promovidos pelo Governo Federal. Fez um curso de artesanato em madeira e começa a desenvolver “lembrancinhas” da cidade, criando réplicas em miniaturas de pontos turísticos. Soube do curso de costura industrial promovido pelo Projovem Trabalhador e da promessa da prefeitura em trazer uma empresa para atuar neste ramo, contratando todos os aprendizes do Projovem. Pelo seu desempenho, foi convidada a trabalhar como instrutora, promessa feita pela professora durante o curso. Questionada sobre o quanto seria o seu salário, diz não saber, mas ressalta que o mais importante é a experiência que adquirirá e a possibilidade de contatos com autoridades e empresários. “Não vai ser só um salário [...] E é bom você ter conhecimento com essas pessoas, porque a hora que você precisar de uma coisa, você sabe com quem falar. É mais fácil elas te receberem. E eu gosto dessa área política também”. Atualmente, tem como planos para o futuro montar seu próprio negócio, aproveitando o terreno da família. Gostaria de construir um hotel fazenda ou uma

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

pousada, o que lhe falta são os recursos financeiros. Para isto faz um curso de empreendedorismo rural oferecido pelo Senar, acrescentando que “esse curso serve pra gente saber administrar, pra você fazer a tua propriedade dar lucro e você vai conseguir sobreviver do que você tem”. Acredita que ao se profissionalizar poderá, no futuro, desenvolver o seu desejo. Isso levaria cerca de dez anos. Ainda pretende investir, em sociedade com o irmão mais velho, na plantação de eucalipto no terreno da família; recursos que pretende conseguir mediante o emprego como instrutora de costura e com o artesanato. Os pais são agricultores e vivem no campo. Reside com a mãe e com irmão mais novo em casa própria. Considera que o curso superior “abre portas”, pois as pessoas tendem a respeitar melhor quem tem mais estudos. Sobre o curso de Costura Industrial oferecido pelo Projovem Trabalhador, avalia que, no quesito de formação profissional, ofereceu uma “estrutura” para montar o seu próprio negócio. Por “estrutura” entende-se as aulas de matemática nas quais se aprende a calcular custos, português para se expressar melhor e “chegar onde você quer” e “Formação humana”, pois se “você vai montar um negócio, ou você vai trabalhar numa empresa, você tem que saber se relacionar com as pessoas. A gente saiu craque pra começar a trabalhar”. Entende que realização profissional é trabalhar em algo que lhe dê prazer e que lhe dê um retorno para que possa se sustentar, “não só sobreviver, mas que eu possa manter assim um padrão de vida médio. Ter uma vida tranquila, ter o seu dinheiro. É trabalhar com algo que se queira. Não trabalhar obrigada, não trabalhar por um salário que não compense”.

O empreendedor

Pedro tem 28 anos, divorciado e sem filhos. Reside com os pais, que são aposentados, em casa própria. Em breve pretende voltar a morar sozinho. Tem duas irmãs mais velhas. Uma é formada em técnica de enfermagem. A outra estudou até o ensino fundamental. São casadas e moram com seus respectivos cônjuges. Cursa o último semestre de Web designe em uma universidade privada, depois de desistir de dois cursos (Administração e Ciências contábeis) em universidade pública, por considerar incompatíveis com seus interesses. “Escritório não é comigo!”. Concluiu o ensino fundamental e médio em escolas públicas. Soube do Projovem por intermédio do Sine. Na ocasião tinha ido dar entrada no seguro desemprego. Começou a trabalhar com 12 anos como ajudante de padaria – escondido dos pais, que temiam prejuízo em seus estudos. Alega que não recebia dinheiro do pai para custear “suas coisas”, tais como academia de musculação, roupas etc. A mãe ganhava pouco, não podia contribuir. Trabalhou em *Shoppings*, rede de *fastfood*, *office boy* e Correios. Nesse último foi concursado, mas pediu exoneração pouco depois por adquirir problemas nos joelhos. Atualmente trabalha como Segurança em um hospital privado, somado ao ofício de suporte em informática na Caixa econômica – na

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

condição de terceirizado e sem registro – e como autônomo é professor de informática e também “fazendo um aqui e outro acolá”. Sua rotina é extensa, trabalha nos três períodos. Tem planos de abrir o seu negócio próprio (área de informática) no bairro que irá morar – já financiou a compra de um apartamento. Antes de comprar fez pesquisa de mercado para saber se valeria a pena montar um negócio na área de informática. Avalia que só vale a pena fazer algo para o resto da vida quando se gosta do que faz. Se tentou algo que não gostou, desiste; pois considera que “o nosso serviço é a nossa segunda casa. É o segundo lar que a gente mais fica, mais vive”. “Quero ser meu chefe, quero ser meu patrão. Pra te dizer bem eu não sou muito bom em levar ordens. Principalmente quando eu acho que eu não estou errado.” Tem certa quantia guardada e já sabe que poderá contar com o SEBRAI. Fez vários cursos e pretende fazer mais. Puxa pela memória e vem o de RH, Técnico em contabilidade, inglês, música, segurança. “Não vou ficar perdendo tempo. Não está me agradando, eu parto para outra”. Não se importa com opiniões alheias. Acredita que empregos não faltam, mas sim mão-de-obra especializada. “Vai muito do orgulho da pessoa aceitar um emprego de baixo escalão pra começar.” Sua estratégia é: “se eu por acaso achar que posso gostar daquilo, daquele serviço, faço um curso naquilo que eles estão precisando e me joga”.

A caracterização do percurso profissional de Alda como *a laboriosa* se explica pela sua constante dedicação em construir alternativas – mais imaginárias do que reais – para ganhar algum dinheiro, diante da constatação de que é preciso ir além dos atributos profissionais exigidos pelo mercado de trabalho. Percebe que só estes não lhes bastam. É preciso ir *costurando* algo que certamente não está nas apostilas de formação profissional aligeiradas com as quais já se defrontou.

Pedro é um empreendedor, sobretudo de cursos. Seu lema é “Se eu por acaso achar que posso gostar daquele serviço, faço um curso naquilo que eles estão precisando e me joga”. Esta tem sido sua principal estratégia empreendedora, inclusive foi assim que conseguiu seu emprego atual como segurança privado. Seu percurso profissional se caracteriza por muitas experiências e baixos salários, especialmente no setor de serviços. Mas acredita que pelo trabalho e esforço pessoal alcançará sua meta.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

As andanças de Alda, desde a saída do campo para a cidade, desta para São Paulo, depois para o nordeste e, por fim, o retorno para a casa da mãe, não deixam dúvidas sobre o imperativo de buscar relações com pessoas que, em seu julgamento, podem em algum momento lhe trazer alguma vantagem. Seus sonhos são altos! Construir seu próprio hotel-fazenda ou uma pousada. Enquanto o capital não chega, vai laborando, tecendo. No momento, não tem nada de concreto, apenas promessas e conjecturas. Alda quer fazer o que gosta e ganhar dinheiro com o seu trabalho, mas acredita que só poderá consegui-lo ao se tornar proprietária.

Pedro desde cedo buscou, pelo trabalho, autonomia em relação à família. Mas também sua própria autonomia no trabalho: não quer se submeter àquilo que não concorda. Sabe bem o que é levar ordens! Por isso, quer ser o seu próprio chefe. No momento, de concreto, tem uma rotina puxada entre três empregos e a finalização de um curso superior, mas com a promessa de até ao final do ano montar seu próprio negócio.

Os relatos trazem muitas questões a serem analisadas. Tratarei apenas de dois aspectos que entendo significativos para atender aos objetivos deste trabalho. O primeiro diz respeito ao processo de definição/redefinição das estratégias de inserção e reinserção profissional tendo um plano a médio e longo prazo como um guia. O segundo, relacionado ao primeiro, aponta para o empreendedorismo como saída individual diante das mazelas no trabalho.

No que se refere às estratégias de inserção/reinserção profissional, percebe-se sucessivos movimentos no sentido de construir/reconstruírem seus planos de tal maneira que um *Plano B* evidencia-se a todo o momento, sinalizando que a possibilidade de projeção a médio e longo prazo está no horizonte, ainda que atravessada pelas urgências do presente. O sonho do negócio próprio e os caminhos para alcançá-lo indicam, em alguma medida, a suposta condição de planejar.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

Quando se analisa as circunstâncias de existência material e objetiva destes jovens, algumas características em comum se destacam: ambos são solteiros, não têm filhos, possuem um curso superior e residem com os genitores em imóvel próprio. Isto significa que parece haver certa relação entre a construção de planos como estratégias de inserção/reinserção profissional e as condições concretas de provimento de suas necessidades materiais mais imediatos. Em outros termos, a realidade objetiva determina as possibilidades de construção de seus projetos profissionais. Assim, o fator escolaridade combinado com certa estabilidade econômica dos pais pode contribuir na definição de um planejamento cuja execução e resultados prescindem da viabilidade imediata.

O segundo aspecto expressa um discurso amplamente disseminado entre os jovens. Alguns estudos, dentre os quais destaco Shiroma e Coan, (2012), apontam para a educação empreendedora como um recurso ideológico a sustentar e naturalizar o fetiche da prosperidade individual em um cenário de intensiva destruição do emprego formal. Os dois relatos não deixam dúvidas de como esta noção permeia o ideário do jovem trabalhador.

No entanto, é preciso destacar que a adesão ao discurso do empreendedorismo não se estabelece sem contradição. Ao mesmo tempo em que a miragem do negócio próprio alimenta seus anseios, também nela está contida a identidade de classe expressa pela consciência de expropriado (“quero ser meu chefe, quero ser meu patrão”). Porém, sob a sociabilidade do capital, a negação da condição de expropriado só pode revelar-se pela aceitação do preceito liberal da ordem burguesa, na qual as saídas são individuais e se fazem pelo mérito e competência.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

3. Saídas de emergência ou a ausência de planos

A expectante

Laura tem 22 anos, parou de estudar no primeiro ano do ensino médio, quando migrou para procurar trabalho, mas “desisti eu não desisti, pois eu pretendo continuar, se Deus quiser e eu também”. Tem um filho. Mora atualmente com os sogros. Seus pais estudaram até o ensino fundamental. A mãe é diarista e o pai vendedor. O marido trabalha em uma madeireira e recebe um salário mínimo. Está desempregada e no momento aguarda ser chamada para trabalhar em uma malharia. Começou a trabalhar com 14 anos como babá. Casou e migrou com o marido para outro estado para trabalhar em uma malharia, emprego arranjado pelo cunhado. Trabalhou durante quatro meses. Ao engravidar e o marido perder o emprego, resolvem voltar para cidade de origem. Fez o Projovem por já ter tido contato com costura. Conta que foi uma oportunidade de se especializar naquilo que queria. A necessidade de buscar o aperfeiçoamento em alguma área, no caso a malharia, está relacionada à busca por um emprego fixo. Necessidade que se faz ainda mais premente com o nascimento do filho. Revela que a tentativa de mudar de cidade foi para “melhorar de vida”, o que significa “ter minha casa, é ter um lugarzinho meu, é não precisar do dinheiro do meu marido para comprar as minhas coisas e as coisas para o meu filho. É ter o próprio cantinho, não ter que morar com a sogra”. No retorno da tentativa frustrada de “melhorar de vida”, o casal aluga uma casa, mas devido a um problema de saúde com o marido, cujo tratamento requereria cuidados médicos constantes, além do filho recém-nascido, não foi possível bancar o aluguel. Passam a morar com os sogros, e deles também recebem ajuda financeira, quando possível. Adianta que essa condição é provisória. E declara: “Isso até eu conseguir um emprego de volta, começar a ganhar dinheiro para ajudar ele e então começar a pensar na nossa casa”. Atualmente segue uma peregrinação à procura de emprego (declarou que procura em supermercado, malharias e lojas). Faz entrevistas, deixa currículo, estabelece contatos, mas nada aparece. Dizem que lhe falta experiência. Admite, sem muita convicção, que é preciso se aperfeiçoar “um pouquinho mais em outras coisas, não só em malharia”. Aperfeiçoar ela entende como “fazer outros tipos de cursos”. Sobre o futuro espera ter a sua própria casa, o seu “canto, ter um emprego bom, ganhar uma boa renda para poder dar um futuro melhor para o meu filho, acho que é isso”. O futuro melhor para o filho seria aquele melhor do que o seu, “porque os meus pais nunca puderam me dar de tudo, né?, então, eu acho que, é poder dar uma orientação melhor, uma boa educação, que ele tenha outros caminhos e outras oportunidades que eu não tive”. Acredita que “o que falta para realizar meu sonho é oportunidade de trabalho”. Caso o emprego na malharia não aconteça, tem plano de retornar novamente para a cidade anterior, pois considera

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

que terá mais chances por lá. Mas, no seu íntimo, avalia que tanto faz ficar onde está ou migrar novamente.

A resignada

Ana tem 23 anos, estudou até o oitavo ano do fundamental. Casada. Tem um filho. Mora em casa própria, ainda em construção. O marido é funcionário da prefeitura no setor de serviços gerais. A renda da família é de R\$ 600,00. Seus pais moram no mesmo bairro com mais dois filhos pequenos. O pai é jardineiro e a mãe é dona de casa. Ana trabalha há cinco anos como diarista. Ganha meio salário mínimo. Esse é seu primeiro emprego. Perguntada se gosta do seu trabalho, responde que “gostar a gente não gosta, né?, mais a gente se obriga, né?. Mas é bom, eu gosto de trabalhar lá, ou se eu tiver que trabalhar em outro lugar eu também vou gostar”. Revela que a possibilidade de flexibilizar o horário ou se ausentar (mas tem que repor as horas) quando a filha fica doente é algo que a faz permanecer neste trabalho, apesar do salário muito baixo. Realizou o Projovem na expectativa de “Crescer um pouco. Tentar trabalhar em uma fábrica, na costura [...], ganhar um pouco mais, sei lá. Então foi por isso que eu fiz o curso, para eu tentar algo melhor, pois já faz tempo que eu estou ali, então, vou tentar algo um pouco melhor.” Afirma que “algo melhor” seria obter um salário mais alto. A expectativa é a de que “trabalhando o dia inteiro, provavelmente a gente ganha um pouquinho mais, né?”. Seu desejo é que consiga crescer no emprego. Questionada sobre a hipótese de não sair o trabalho prometido na malharia, responde: “Paciência, né, se não sair a gente tenta outros cursos que vem por aí, né?, eu faço curso de cabeleireira também. A gente não pode ficar parada [...]então a gente vai tentando outras coisas até que uma dê certo”. Faz os cursos porque são gratuitos e não manda currículo para empresas. Embora deposite esperança no curso, constata que não pode ficar esperando. Reitera que o seu desejo é o crescimento. Indagada sobre o que significa “crescer” responde com sinônimos, sem muita precisão e objetividade. Diz que é “evoluir”. “Eu espero que o futuro vá e siga pra frente e cresça e dê continuidade”. Questionando um pouco mais, revela que o crescimento diz respeito à possibilidade de ter um trabalho, “porque se a gente trabalhar a gente vai crescendo e vai indo, e a gente vai conseguindo o que a gente quer”. “Para mim entrar na empresa já é eu crescer no meu futuro, e aí conforme vai andando o procedimento a gente vai se organizando”. Sobre o curso Projovem, avalia que foi bom. Aprendeu a costurar e conversar, trocar ideias. Além da aprendizagem da costura, avalia positivamente as aulas de português, para aprender a falar “certo” e a matemática para “fazer contas” e a informática para “procurar a moda e tecidos mais baratos na internet”. Sobre o mercado de trabalho, afirma que durante o curso foi dito que é um “pouquinho difícil sabe, para entrar no ramo do trabalho ali, é um pouco difícil, mas a gente tem que ter força de vontade, pôr a cara na frente e tentar”. Reclama

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

da incerteza por parte dos órgãos competentes em relação ao processo de inserção no ramo da costura após o término do curso. Tudo é incerto. Caso não saia o prometido, não vê saída e assim se expressa “Olha, eu não vejo outra saída sabe, por enquanto não parei para pensar em outra saída [...] depois eu vou começar a pensar”.

No primeiro relato Laura, *a expectante*, é aquela que espera por algo, permanece na expectativa. Suas experiências anteriores e o contato com familiares que atuam no ramo da malharia a impulsionam a esperar algo nesta direção. Porém, a estratégia de inserção/reinserção profissional frustrada via migração urbana (marcada por idas e vindas e muitos infortúnios) em busca de emprego em região já saturada, desautoriza, portanto, o discurso do “polo atrativo” como alternativa para a melhoria de vida. Isso não a desanima, mas lhe imprime uma lógica a orientar seu percurso laboral: a procura pelo emprego fixo.

Há duas razões essenciais nesta busca, um filho para sustentar e a necessidade premente de obter a casa própria. Em face disso, o sentido que atribui a sua realização profissional é rebaixado, limitando-se a obtenção de um emprego formal e, se não for pedir demais, preferencialmente em uma malharia. No momento está desempregada e segue peregrinando em busca do trabalho.

Existe uma sutil diferença em relação ao relato de Ana, *a resignada*, que embora não se possa afirmar a inexistência de expectativas, estas aparecem circunscritas à resignação. Ou seja, Ana conforma-se em trabalhar em qualquer lugar. Tanto faz, desde que o salário não seja tão baixo. Não pode se arriscar. A necessidade de prover o sustento se impõe diante de um filho para sustentar e da impossibilidade de viver apenas com a renda do marido. A lógica que parece orientar o seu percurso profissional é o da busca por um rendimento maior, considerando que em seu emprego atual ela recebe meio salário mínimo. Sua estratégia de inserção/reinserção no mercado de trabalho é bastante restrita, resume-se às oportunidades que surgirem, pois percebe que suas chances são pequenas em razão de sua inexperiência e baixa escolaridade.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

Também nestes relatos muitas questões poderiam ser abordadas, mas destaco dois aspectos para a análise. O primeiro aponta para as dificuldades de antever planos ou projetos profissionais, a médio e longo prazo, a conduzir o processo de inserção/reinserção profissional destas jovens. Nesse *quase vazio*, o que percebo são as *saídas de emergência*, que se caracterizam pela busca de soluções imediatas na garantia da subsistência. Tal quadro assim dramático evidencia que a premência do dia a dia obstaculiza pensar o porvir, restando-lhes agir no *pouco a pouco*, ou *no varejo*.

Esta configuração acaba por imprimir uma lógica em seus percursos laborais que se confunde com a obtenção do emprego em si mesmo. Ou seja, a simples procura por um vínculo empregatício, dentro de condições minimamente aceitáveis, passa a ser o ponto central para estas jovens. Não é de se admirar que nos relatos surjam expressões tais como “que falta para realizar meu sonho é oportunidade de trabalho” ou “Para mim, entrar na empresa, já é eu crescer no meu futuro”. Aliás, a noção de futuro, quando projetada com maior otimismo, está referida aos filhos no tocante àquilo que elas não alcançaram ou julgam não alcançar.

Neste sentido, os planos ou projetos profissionais para si não se estabelecem com clareza ou maior firmeza. O que não significa dizer que lhes faltem vontade para pensar o futuro, o que se flagra é a falta da possibilidade concreta de visualizá-los para além das determinações de sua realidade social objetiva.

Com relação ao segundo aspecto, este se destacando em todos os quatro relatos, verifica-se a presença de um discurso que, ao lado da noção de empreendedorismo, tem se revelado de intensa persuasão entre os jovens trabalhadores, trata-se da crença na realização de cursos (geralmente de capacitação) como estratégia para ampliar suas chances de ingresso no mercado de trabalho. Percebe-se nas falas certa expectativa de que um curso “na hora

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

certa, no momento certo” pode fazer a diferença. Mais uma vez é evidenciado o expediente de depositar no próprio trabalhador a responsabilidade por sua situação de desemprego.

Para finalizar, recorro a Marx (2008) para afirmar que: “O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. (p.47). Nesta passagem do prefácio da *Contribuição à crítica da Economia Política* fica evidente que o método de análise do real pressupõe a categoria da totalidade. Sem esta compreensão, caímos na armadilha de tomar as falas dos jovens descoladas de sua materialidade objetiva, seja priorizando uma análise determinista, ainda que crítica, na qual o jovem é visto apenas como aquele que adere aos projetos que lhes são impostos, sem resistências; ou, em uma linha oposta, considerar as falas como um simples diagnóstico dos supostos pontos negativos ou positivos encerrados em seus percursos laborais.

Do contrário, é preciso reconhecer, portanto, a prioridade ontológica do ser em relação a sua consciência, posto que, conforme Pontes (2010), o ser constitui-se de um maior grau de complexidade do que o conhecer. O automovimento do ser difere do modo como a razão apreende ou captura este mesmo movimento.

4. Considerações finais

O artigo apresentado teve como propósito indagar sobre a construção dos percursos profissionais de quatro jovens inscritos no Projovem Trabalhador em Santa Catarina em 2011/2012, três mulheres e um homem, mediante suas próprias falas no tocante aos sentidos que atribuem ao trabalho. Procurou-se evidenciar as lógicas que orientam os percursos profissionais destes jovens,

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

atentando para certas definições/redefinições de suas estratégias de inserção e reinserção profissional no cenário do capital-imperialismo.

Ao partir da singularidade constituinte dos jovens trabalhadores aqui relatados, procurei demonstrar que no plano do imediato ou aparência, os elementos que compõem a relação com a universalidade e a particularidade já estão postos, conforme Lukács (1970). Por esta razão, a passagem do concreto sensível – expresso pelos relatos dos jovens trabalhadores – para o concreto pensado, – entendido como o real – impõe considerar o processo de mediação entre o universal e o singular. Em outras palavras, o imediato que figura a singularidade não pode ser tomado como falso ou portador de irracionalidade, mas uma direção no sentido de sucessivas aproximações com este singular, objetivando demonstrar as mediações que levam deste à particularidade e à universalidade (ser genérico).

Aproprio-me das considerações de Oliveira (2005) para destacar que, quando a relação singular-universal é tomada do ponto de vista da relação entre o indivíduo e a sociedade, a compreensão da emancipação do homem singular restringe-se a uma mera constatação de emancipação política, por sua vez, fincada em uma concepção de exercício de cidadania, de relação com o Estado. Desse modo, afastando-se da relação do indivíduo com o gênero humano. A resultante disso é a adaptação do indivíduo à sociedade do mercado. Essa, nas palavras de Frigotto (2006) referindo-se à realidade brasileira, configura-se pela posição subalterna “na divisão internacional do trabalho e a consequente supremacia do investimento na reprodução do trabalho simples” (p. 262).

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

Referencias

- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2 ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2000.
- BRAGA, R. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo: Teoria e história*. 2. Ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/UFRJ Editora, 2010.
- _____. A incorporação subalterna brasileira ao capital-imperialismo. *Revista Crítica Marxista*. Campinas, n.36, p. 103-113, 2013.
- FRIGOTTO, G. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: LIMA, J.C. & Neves, L. M.W. (orgs.). *Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/EPSJV, 2006, p. 241-288.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1994.
- LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.
- MARX, K. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da Economia Política*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume 1. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume 2. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2012.
- MARX, K e F. ENGELS. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MÉSZÁROS, I. *Para Além do Capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- _____. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- MOTTA, V. C. da. *Ideologia do Capital Social: Atribuindo uma face mais humana ao capital*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, V. R.; MARTINS, S. T F. (orgs.). *Método histórico-social na psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- OLIVEIRA, F.; BRAGA, R.; RIZEK, C. S.(Org.). *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PONTES, R. N. *Mediação e Serviço Social*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- RUMMERT, S. M.; ALGEBAILLE, E.; VENTURA, J. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. *Revista brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 54, set. 2013.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 21 – 2015

SHIROMA, E. O. e COAN, M. Educação para o empreendedorismo: forjando um jovem de novo tipo? In: SILVA, M.M; EVANGELISTA, O; QUARTIERO, E. M. (Org.). *Jovens, trabalho e educação: A conexão Subalterna de Formação para o capital*. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livrarias, 2012, p. 245-276.

SILVA, M. M. Percursos profissionais e a justeza das Políticas Públicas de Inclusão e qualificação: o público alvo do Projovem Trabalhador. In: SILVA, M.M; EVANGELISTA, O; QUARTIERO, E. M. (Org.). *Jovens, trabalho e educação: A conexão Subalterna de Formação para o capital*. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livrarias, 2012, p. 71-110.

Recebido em 31 de julho de 2015.

Aprovado em 22 de agosto de 2015.